

# HABITATS DE INOVAÇÃO:

## ALINHAMENTO CONCEITUAL

### Organizadores

Clarissa Stefani Teixeira  
Carla Gabbi Almeida  
Maria Carolina Zanini Ferreira

### Autores

Clarissa Stefani Teixeira  
Ana Cristina da Silva Tavares Ehlers  
Lucas Novelino Abdala  
Marcelo Macedo



## HABITATS DE INOVAÇÃO: ALINHAMENTO CONCEITUAL

### Organizadores

Clarissa Stefani Teixeira

Carla Gabbi Almeida

Maria Carolina Zanini Ferreira

### Autores

Clarissa Stefani Teixeira

Ana Cristina da Silva Tavares Ehlers

Lucas Novelino Abdala

Marcelo Macedo

### Design e edição

Mariana Barardi

Florianópolis, primeira edição, 2016

T266h

Habitats de Inovação: alinhamento conceitual [recurso eletrônico] /  
Organizadora Clarissa Stefani Teixeira... [et al.] . – Florianópolis: Perse,  
10p. : il. 2016  
1 e-book

Disponível em: < <http://via.ufsc.br/> >  
ISBN 978.85.464.0255.7

1. Parques tecnológicos. 2. Habitats de inovação. 3. Empreendedorismo  
I Via Estação do conhecimento. II. Maria Caroline Zanine Ferreira  
(Org.) III. Carla Gabbi Almeida (Org.) VI. Título.

CDU: 004.03



Esta licença permite a redistribuição, comercial e não comercial, desde que o trabalho seja distribuído inalterado e no seu todo, E book

Ficha catalográfica elaborada por: Milena Maremni Correa Teixeira-  
CRB-SC 14/1477

[www.via.ufsc.br](http://www.via.ufsc.br)

# HABITATS DE INOVAÇÃO

A busca por novas formas de gestão e incremento tecnológico fez surgir novos arranjos institucionais associados à percepção da necessidade de aproximação entre dois atores centrais nesse processo: os desenvolvedores de pesquisa e desenvolvimento (P&D) e o setor produtivo. Quadros (2010) considera que a partir disso, modelos institucionais diferenciados começaram a surgir e se denominam habitats de inovação.

A origem de habitats de inovação está alicerçada, segundo, Lastres e Cassiolato (2003) pela inovação ser fenômeno sistêmico e interativo. Além disso, a capacidade de inovação é derivada da confluência de fatores sociais, políticos, institucionais e culturais específicos aos ambientes em que se inserem os agentes econômicos.

Os habitats de inovação já fazem parte das políticas de desenvolvimento regional e local e das próprias políticas de Ciência, Tecnologia e Inovação. Segundo autores como Sendin et al. (2003) e Manella (2009) estes ambientes se configuram

pela existência de instrumentos adequados de apoio à inovação e empreendedorismo e pela presença de políticas regionais indutoras de inovação.

Em muitos casos, para que as inovações ocorram, são indicados os usos de habitats de inovação, pois estes espaços permitem que as inovações sejam realizadas com maior facilidade e rapidez (ZEN e HAUSER, 2005). Atualmente, muitos ambientes são encontrados e são organizados tanto por atores públicos quanto privados (ZOUAIN, DAMIÃO e CATHARINO, 2006). Autores como Zen e Hauser (2005) consideram que os ambientes são puxados por agentes de inovação, como as instituições de ensino e pesquisa, o meio empresarial e o poder público, que formam a tríplice hélice. Em habitats de inovação é intenso o intercâmbio entre os diversos agentes de inovação: empresas, instituições de pesquisa e agências governamentais (AMPROTEC e SEBRAE, 2002).



Esse ambiente inovador tende a concentrar-se num espaço de proximidade vinculada às universidades e aos centros de pesquisa, em geral, apoiadas pelo setor público, pertencendo a um único setor ou a setores produtivos interligados, constituindo um arranjo produtivo inovativo local, que segundo Magalhães Correia e Gomes (2012), acaba contribuindo para o desenvolvimento econômico de uma cidade, região ou país.

As estratégias de implantação de habitats de inovação devem considerar aspectos alinhados a um conjunto de fatores locais tais como: infraestrutura urbana qualificada, meios de comunicação ágeis, população com nível elevado de educação; entre outros (ZEN e HAUSER, 2005). Zouain, Damião e Catharino (2006) indicam que os habitats de inovação devem ser espaços diferenciados e Smilor e Gill (1986) indicam que estes ambientes devem ser planejados.

Para Burkhalter e Curtis (1989) estes ambientes consistem em apoiar as novas e pequenas empresas, provendo espaço físico com preços reduzidos e abaixo do mercado, serviços de escritório centralizado, gerenciamento e suporte tecnológico compartilhado e financiamento em um ambiente flexível. Porém. Burkhalter e Curtis

(1989) alertam que habitats de inovação são mais do que a infraestrutura. Para Smilor e Gill (1986) devem prover uma variedade de serviços e apoio à geração de novos negócios.

De maneira geral, o que se encontra em diversos ambientes nacionais e internacionais são: i) infraestrutura, ii) serviços de suporte às empresas, e iii) programas específicos em prol do empreendedorismo e da inovação buscando o desenvolvimento do negócio.



**Infraestrutura**



**Serviços de suporte às empresas**



**Programas específicos em prol do empreendedorismo e da inovação buscando o desenvolvimento do negócio**



## CONHECIMENTO | INOVAÇÃO | EMPREENDEDORISMO

Quando os habitats de inovação são estudados e conceituados, três pontos principais são evidenciados: CONHECIMENTO, INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO.

O papel que o conhecimento tem hoje na economia obriga os agentes econômicos a repensarem as suas estruturas e se organizarem de uma nova forma, colocando o conhecimento no centro das estratégias de desenvolvimento tecnológico, por meio dos habitats de inovação (MAGALHÃES CORREIA e GOMES, 2012). Estes espaços vêm

sendo configurados pelo uso eficiente dos ativos de conhecimento disponíveis (SENDIN et al. 2003; MANELLA, 2009), pelo compartilhamento de informações e conhecimentos favoráveis a inovação e pela função de ser disseminador e amplificador de informações e conhecimentos entre os agentes da inovação (LUZ et al, 2014).

Além disso, esses espaços são propícios para a aprendizagem coletiva, intercâmbios de conhecimentos, de interação entre empresas, instituições de pesquisa e órgãos governamentais

(MAGALHÃES CORREIA e GOMES, 2012). É um espaço relacional em que a aprendizagem coletiva ocorre mediante a transferência de know how (AMPROTEC e SEBRAE, 2002).

Para Luz et al (2014) as interações realizadas em ambientes de inovação constituem no suporte necessário ao desenvolvimento do conhecimento e apoio para o aprendizado, criando sinergia na região e alimentando os mecanismos de empreendedorismo para a inovação.

De maneira geral, além de criar espaços de valor agregado, como os *Ba*<sup>1</sup>, que estimulem a criatividade e experimentação, promovendo as redes virtuais e presenciais, os habitats de inovação devem proporcionar uma atmosfera de extração, geração, compartilhamento, transmissão, combinação, utilização e reutilização do conhecimento (NONAKA e KONNO, 1998). Assim, pode-se dizer que o que se espera é que os habitats de inovação também sejam ambientes de *Ba*, pois assim haverá nestes ambientes, socialização, externalização, combinação e internalização do conhecimento.



Os habitats de inovação estão sendo utilizados para formar uma cultura empreendedora e, segundo Smilor e Gill (1986), para alavancar o potencial empreendedor servem para acelerar a comercialização de tecnologia e encorajar o desenvolvimento de novas empresas.

Zouain, Damião e Catharino (2006) caracterizam os habitats de inovação por garantir condições favoráveis para desenvolvimento de produtos e processos de base tecnológica e atividades baseadas em novas tecnologias (MAGALHÃES CORREIA e GOMES, 2012). Luz et al. (2014) indicam que as inovações esperadas pelos habitats de inovação são de diferentes tipos e não se associam apenas à tecnológica.

Estes ambientes congregam fatores favoráveis ao processo de inovação contínua (ANPROTEC

e SEBRAE, 2002; LUZ et al., 2014) e para as atividades inovativas (DAMIÃO, ZOUAIN e LONSKI, 2014). Nesse sentido, Zouain (2003) contextualiza que os ambientes de inovação atendem à necessidade de minimizar os diversos riscos associados às iniciativas inovadoras e maximizar os resultados desses processos constituindo-se em um elemento importante dos sistemas de inovação.

O sentido dos habitats de inovação, segundo Magalhães Correia e Gomes (2012), é criar um ambiente favorável para o desenvolvimento de inovações, apontando os rumos e tendências na área, auxiliando, assim, inúmeras instituições a criar, desenvolver e manter um ambiente capaz de impulsionar o desenvolvimento técnico-econômico no qual está inserido.

1 | Conceito de *Ba* pode ser definido como um espaço de compartilhamento onde as relações que propiciam a criação e utilização de conhecimento organizacional se originam. O conceito de *Ba* viabiliza uma plataforma para a criação de conhecimento individual e coletivo. Esse espaço de compartilhamento definido pelos autores pode ser:

- Um espaço físico (por exemplo, a utilização de qualquer habitat de inovação);
- Um espaço virtual (plataformas que são utilizadas pelos habitats de inovação, ou tecnologias que permitam a comunicação com, por exemplo, sistemas de videoconferência);
- Um espaço mental (por exemplo, experiências profissionais compartilhadas);
- Ou a combinação destes espaços.

# OS TIPOS DE HABITATS DE INOVAÇÃO

Quadros (2010) considera que embora existam alguns esforços em identificar e consequentemente classificar os tipos de habitats não há ainda um consenso sobre a hierarquização. Muitas são as tipologias e definições encontradas na literatura. Entretanto, dentre os principais habitats de inovação estão: Cidades Intensivas em Conhecimento | Cidades Inteligentes, Parques (Parques Científicos, Parques Tecnológicos, Parques Científicos e Tecnológicos, Parques de Inovação e Parques de Pesquisa), Centros de Inovação, Pré-incubadoras, Incubadoras, Aceleradoras,

Coworking e Markespace. Há também os Núcleos de Inovação Tecnológica que são regulamentados pela Lei nº 13.243, de 11 de Janeiro de 2016, e buscam realizar a interação universidade-empresa e gerir a política de inovação (BRASIL, 2016) (Figura 1).

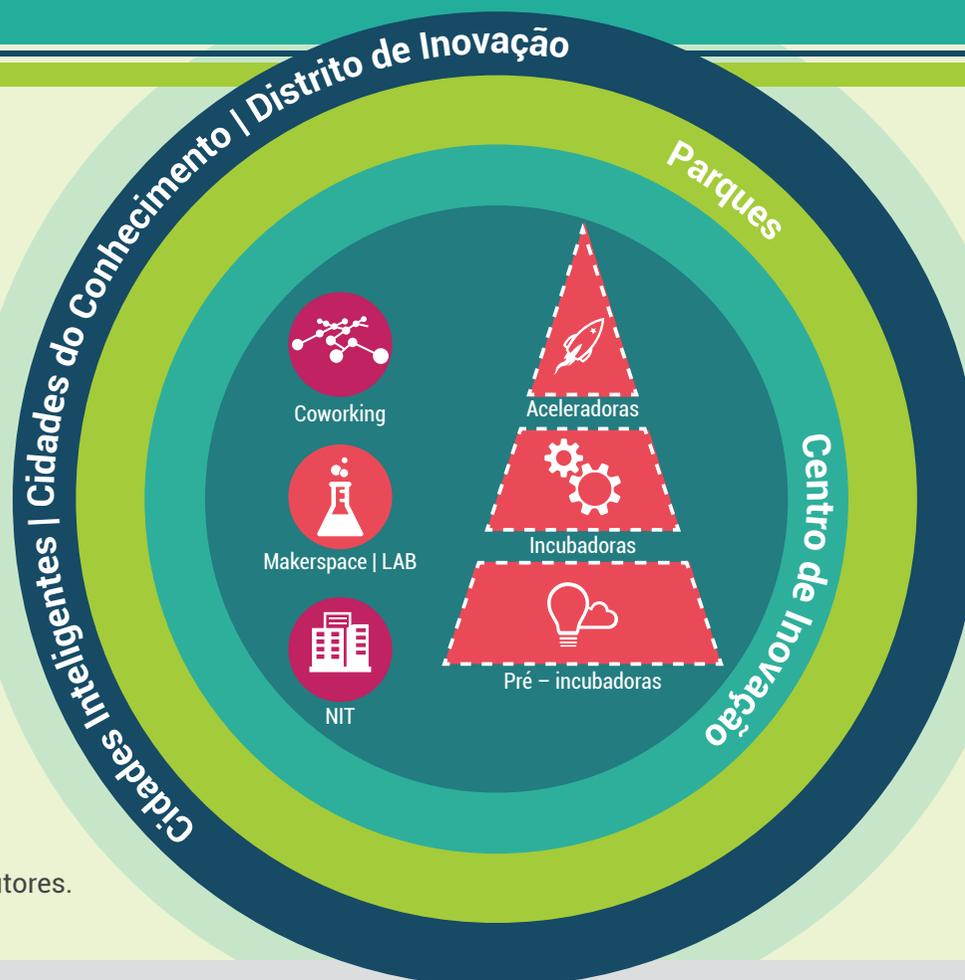


Figura 1 - Habitats de inovação. Fonte: Elaborado pelos autores.

1 | Lei nº 13.243 de 11 de janeiro de 2016. Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação e altera a Lei no 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Lei no 6.815, de 19 de agosto de 1980, a Lei no 8.666, de 21 de junho de 1993, a Lei no 12.462, de 4 de agosto de 2011, a Lei no 8.745, de 9 de dezembro de 1993, a Lei no 8.958, de 20 de dezembro de 1994, a Lei no 8.010, de 29 de março de 1990, a Lei no 8.032, de 12 de abril de 1990, e a Lei no 12.772, de 28 de dezembro de 2012, nos termos da Emenda Constitucional no 85, de 26 de fevereiro de 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/l13243.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13243.htm)>. Acesso em 04 de jun 2016.

Os habitats de inovação são espaços diferenciados, propícios para que as inovações ocorram, pois são locus de compartilhamento de informações e conhecimento, formando networking, e permitem minimizar os riscos e maximizar os resultados associados aos negócios. O habitat de inovação permite a integração da tríplice e procura unir talento, tecnologia, capital e conhecimento para alavancar o potencial empreendedor e inovador.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANPROTEC. SEBRAE. **Glossário dinâmico de termos na área de Tecnópolis, Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas**. Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/empreendedorismo/downloads/manuais-guias-cartilhas-e-documentos-sobre-empreendedorismo-e-inovacao/glossario-de-termos-sobre-incubadoras-de-empresas-e-parques-tecnologicos-anprotec>>. Acesso: 23 mai de 2015.

BRASIL. Lei nº 13.243 de 11 de janeiro de 2016. Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação e altera a Lei no 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Lei no 6.815, de 19 de agosto de 1980, a Lei no 8.666, de 21 de junho de 1993, a Lei no 12.462, de 4 de agosto de 2011, a Lei no 8.745, de 9 de dezembro de 1993, a Lei no 8.958, de 20 de dezembro de 1994, a Lei no 8.010, de 29 de março de 1990, a Lei no 8.032, de 12 de abril de 1990, e a Lei no 12.772, de 28 de dezembro de 2012, nos termos da Emenda Constitucional no 85, de 26 de fevereiro de 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/l13243.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13243.htm)>. Acesso em 04 de jun 2016.

BURKHALTER, B. B.; CURTIS, J. P. New opportunities for entrepreneurs with disabilities to start their own business. **Journal of Rehabilitation**. Alexandria: National Rehabilitation Association, v.55, n.22, p.17-19, 1989.

DAMIÃO, D.; ZPUAIN, D. M.; PLONSKI, G. A. **Articulação do Sistema de Inovação de Sorocaba, considerando como referência a experiência francesa**: Les Pôles de Compétitivité. In... Abais da ANPROTEC. 2014. Disponível em: <[http://anprotec.org.br/anprotec2014/files/artigos/artigo%20\(61\).pdf](http://anprotec.org.br/anprotec2014/files/artigos/artigo%20(61).pdf)>. Acesso em 23 mai de 2015.

LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E. **Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos**. Rio de Janeiro: RedeSist, 2003. Disponível em: <[http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwn\\_1289323549.pdf](http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwn_1289323549.pdf)>. Acesso em: 04 de jun 2016.

LUZ, A. A.; KOVALESKI, J. L.; ANDRADE JÚNIOR, P. P. PENTEADO, R. F. S. ZAMMAR, A. Habitats de inovação e a sinergia do potencial acadêmico, tecnológico e inventivo em Ponta Grossa, Paraná, Brasil. **Espacios**. V. 35, n. 6, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaespacios.com/a14v35n06/14350601.html>>. Acesso em: 23 mai de 2015.

MAGALHÃES CORREIA, A.M; GOMES, M. L. B. Habitats de inovação na economia do conhecimento: identificando ações de sucesso. **RAI: Revista de Administração e Inovação**, v. 9, n. 2, p. 32-54, 2012.

MANELLA, B. F. P. **Fatores de atratividade de empresas inovadoras para parques tecnológicos**. Dissertação. Mestrado em Economia, Administração e Contabilidade – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil, 2009.

NONAKA, I.; KONNO, N. **The concept of "BA"**: Building a foundation for knowledge creation – California Management Review; Spring; 40,3; ABI/INFORM Global, 1998.

QUADROS, P. R. N. S. **As incubadoras de empresas**: gênese, desenvolvimento, declínio e perspectivas futuras no contexto político-institucional de inovação tecnológica do Estado da Bahia (1993-2010). Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, 2010.

Revista de Administração e Inovação, São Paulo, v. 9, n. 2, p.32-54, abr./jun. 2012.

SENDIN, P. V.; RUIZ, M. S.; FELISSIMO, J.A. T.; UCHOA JÚNIOR, P. P. M.; ESTEVES, P. C. Descentralizando a inovação: a implantação do parque tecnológico regional de Londrina, Brasil. In: Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas e XI Workshop Empretec. 2003. Brasília, DF, Brasil. Anais... Brasília. 2003.

SMILOR, R. W.; GILL JUNIOR, M. D. **The new business incubator**. Estados Unidos: Lexington Brooks, 1986.

ZEN, A. C. HAUSER, G. A articulação e o desenvolvimento dos parques tecnológicos: o caso do Programa Porto Alegre Tecnópole – Brasil. In: Seminário Latino-Iberoamericano de Gestión Tecnológica. XI. 2005. Salvador, BA. **Anais...** Salvador. 2005.

ZEN, A. C. HAUSER, G. A articulação e o desenvolvimento dos parques tecnológicos: o caso do Programa Porto Alegre Tecnópole – Brasil. In: Seminário Latino-Iberoamericano de Gestión Tecnológica. XI. 2005. Salvador, BA, Brasil. **Anais...** Salvador. 2005.

ZOUAIN, D. M. **Parques tecnológicos propondo um modelo conceitual para regiões urbanas**: O Parque Tecnológico de São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências na Área de Tecnologia Nuclear - Aplicações) – Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, São Paulo, 2003.

ZOUAIN, D. M.; DAMIAO, D.; CATHARINO, M. **Urban Technology Parks Model as instrument of Public Policies for regional/local development**: Technology Park of Sao Paulo. XXII IASP – World Conference on Science and Technology Parks. Proceedings, 2006.

## Realização



## Apoio

